

Rosemeire Selma Monteiro-Plantin  
Universit e Federale du Ceará, Brésil  
LDI - Paris 13 Paris, France

Synergies Tunisie n  3 - 2011 pp. 161-168

**Résumé** : Recherche expérimentale, menée avec des étudiants en Lettres e des lycéens, afin de fournir une réflexion sur la constrution du sens dans la langue maternelle, située   la frontière entre la syntaxe et la sémantique, représentée par des unit s phras ologiques form es par le mot *main*.

**Mots-cl s** : phras ologie, apprentissage, langue maternelle.

**Resumo** : Pesquisa experimental, desenvolvida com graduandos de Letras e alunos do ensino médio, com vistas a propiciar uma reflexão sobre a constr o de sentido em língua materna, situada na fronteira entre a sintaxe e a semântica, representada por unidades fraseológicas constituídas com a palavra *mão*.

**Palavras-chave**: fraseologia, ensino, língua materna

## 1. Introdu o

A despeito da consolida o dos estudos fraseológicos no Brasil, que pode ser exemplificada por uma centena de teses de doutorado e disserta es de mestrado a elas dedicadas; pela atua o de consistentes grupos de pesquisa; publica es de livros e artigos científicos; realiza o do primeiro Congresso Brasileiro de Fraseologia, em Brasília em novembro de 2011, no qual foram apresentados cerca de cento e vinte trabalhos da área e, até mesmo, pela cria o da Associa o Brasileira de Fraseologia; as unidades fraseológicas, doravante UF, seguem sendo marginalizadas no ensino de língua materna.

Levando em conta que o processo de escolariza o formal inicia-se, aproximadamente, cinco anos após a aquisi o da linguagem e que o ensino de língua materna continuará de forma sistemática, durante pelo menos mais uma década, cabe questionar: *por que ensinar portugu s a quem já fala portugu s?*

Entendemos como objetivo principal do ensino de língua materna o desenvolvimento da competência discursiva, na compreensão e produ o de mensagens linguísticas orais e escritas.

Tal desenvolvimento implica na reflexão sobre o funcionamento da língua, de forma a propiciar o reconhecimento e seleção das estruturas linguísticas e paralinguísticas disponíveis que melhor atendam aos propósitos discursivos do aprendiz. Concebemos língua como um conjunto de sinais e de regras de combinações desses sinais utilizados por uma comunidade linguística em suas interações, que por sua vez são sócio e historicamente constituídas.

Professores de língua estrangeira já reconhecem a importância do ensino das unidades fraseológicas, embora se ressintam da falta de orientação didática para a concretização de um ensino que possa propiciar ao aprendiz um conhecimento linguístico suficiente para a participação em interações cotidianas (saudação, agradecimento, acordo, desacordo, polidez...)

Já no caso dos professores de língua materna, constatamos que, além da escassez de material didático, encontramos, ainda, orientações expressas para evitar o uso de algumas unidades fraseológicas, tais como provérbios, ditos populares e expressões idiomáticas, em produções textuais, com a justificativa de que elas demonstrariam falta de criatividade e até preguiça mental.

Para exemplificar o desprezo dedicado às UF, lembramos que, Rodrigues Lapa denomina o clichê como sendo a “*muleta ridícula dos preguiçosos*” (p.153).

## 2. A distância entre as pesquisas linguísticas e o ensino de língua materna

A aplicação de resultados de pesquisas linguísticas ao ensino de língua materna tem sido realizada de forma lenta, gradual e assistemática. O que significa dizer que as diretrizes curriculares vigentes mantêm estreita relação com os modelos teóricos valorizados em diferentes contextos histórico-culturais, ainda que tais modelos não sejam mencionados nos documentos oficiais. Exemplo disso, pode ser verificado no ensino centrado na sílaba, no morfema, na frase, no texto, no gênero e mais recentemente nas condições de produção e nas intenções dos sujeitos que participam das interações linguísticas.

A eleição da centralidade dos níveis ou dos elementos que serão tratados está intimamente ligada ao desenvolvimento de pesquisas fonético/fonológicas, morfossintáticas; discursivo/textuais e semântico/pragmáticas, por sua vez condicionadas por diferentes correntes teóricas (estruturalismo, gerativismo, funcionalismo...), ainda que de forma não explícita.

Tendo em vista que todos os níveis são essenciais e importantes para a efetivação do fenômeno que possibilita a interação entre os pares em uma dada comunidade linguística, cabe aos professores de língua materna a transposição didática que possibilite a aprendizagem do funcionamento da linguagem articulada.

Para enfrentar essa empreitada, muitos professores contam apenas com livros didáticos que terminam por orientar e até mesmo engessar o caminho a ser trilhado.

### 3. O curso de Letras e a formação do professor de língua materna

No curso de Letras, responsável pela formação inicial do professor de língua materna, são ministradas disciplinas centradas no uso da língua, disciplinas centradas no funcionamento da língua e disciplinas que tratam especificamente do ensino da língua.

Nossa pesquisa foi desenvolvida no terceiro grupo de disciplinas, mais especificamente no Estágio de Regência em Língua Portuguesa, disciplina da qual participaram 18 alunos, que posteriormente assumiram em dupla, nove classes do primeiro ano do ensino médio (quatro matutinos e cinco vespertinos), durante um bimestre, sob a observação e participação do professor titular de Língua Portuguesa, em uma escola pública da cidade de Fortaleza, capital do estado do Ceará, localizado na região nordeste do Brasil.

Os dezoito estagiários foram inicialmente orientados pela professora de estágio e autora deste trabalho a conhecerem os documentos oficiais concernentes ao ensino de língua materna e o livro didático adotado pela escola. Em seguida, observaram as aulas de língua portuguesa ministradas na escola, tomando notas de conteúdos, procedimentos metodológicos e estratégias de ensino.

Após a observação de oito aulas, os graduandos em Letras realizaram uma entrevista com o professor, a fim de avaliar o andamento da disciplina e de diagnosticar necessidades de intervenção.

Na análise das cinco entrevistas com os professores, responsáveis pelas nove turmas, realizada pela coordenadora do estágio juntamente com os estagiários, foram levantados aspectos positivos e pontos que precisavam ser trabalhados, dos quais destacamos:

- desinteresse dos alunos pelas aulas de língua portuguesa;
- distância entre o registro privilegiado pela escola e o efetivamente utilizado pelos alunos em suas interações;
- incompreensão dos alunos sobre a importância de conhecer diferentes estruturas linguísticas presentes em diferentes níveis de linguagem;
- falta de recursos didáticos propícios ao desenvolvimento da competência discursiva dos alunos tal qual almejado pelos professores.

De posse desse diagnóstico desenvolvemos uma pesquisa experimental em sala de aula, com foco nos quatro pontos destacados acima.

### 4. Metodologia

Tendo em vista ser difuso o objetivo de nossa pesquisa, de um lado a formação do professor de língua materna e de outro o desenvolvimentos de atividades em sala de aula, com alunos entre 15 e 16 anos, nosso trabalho foi desenvolvido em dois momentos distintos.

Inicialmente foram distribuídos para leitura e preparação de seminários, textos diversos sobre Fraseologia, (artigos, capítulos de livros e a revisão da literatura de dissertações de mestrado e de teses de doutorado); com vistas a propiciar-lhes uma fundamentação teórica de base sobre essa disciplina.

A apresentação dos seminários era sempre seguida de frutíferos debates em que se colocavam questões tais como:

- O que é Fraseologia ?
- Trata-se de uma disciplina independente ou de uma subárea da lexicologia?
- Que são unidades fraseológicas?
- O que caracteriza uma unidade fraseológica?
- Que contribuições as pesquisas fraseológicas podem oferecer ao ensino de língua materna?

Na impossibilidade de explicitarmos detalhes das discussões, sintetizamos o conhecimento partilhado entre os participantes da pesquisa.

Concebemos Fraseologia como disciplina independente, situada na fronteira entre a sintaxe e a semântica; que tem como objeto de estudo o conjunto de unidades fraseológicas.

As unidades fraseológicas, por sua vez são sequências linguísticas, constituídas por pelo menos dois elementos, que se apresentam de forma mais ou menos fixa, com certo grau de idiomaticidade, convencionalizadas pelo uso e que constituem a competência discursiva dos falantes que as utilizam em contextos precisos, ainda que de forma inconsciente.

De tal definição, podemos depreender que as características constitutivas das unidades fraseológicas, sejam elas, colocações, fórmulas de rotina, expressões idiomáticas, ditos populares ou provérbios são:

- pluriverbalidade
- fixação
- idiomaticidade
- frequência e convencionalidade

A título de exemplo, vejamos *mão na roda*, que, embora constituída de três elementos, tem de ser compreendida em sua totalidade, com os constituintes na mesma posição e não, *roda na mão*, além disso, no português falado no Brasil tem o sentido de *auxílio, ajuda para o desenvolvimento de uma tarefa*, sendo portanto, não composicional, o que equivale a dizer que o seu sentido não é o resultado da soma de sentido de *mão + na + roda*.

A convencionalidade, por sua vez, está ligada à frequência de uso na comunidade linguística para referir-se a um impulso para o atendimento de um objetivo qualquer.

Após a iniciação teórica dos alunos no campo de estudo pertinente à Fraseologia, elegemos em conjunto o campo semântico dos somatismos linguísticos, expressões relacionadas ao corpo, para as atividades que seriam desenvolvidas na escola. Por uma limitação de espaço, neste artigo relataremos os resultados obtidos apenas em uma das classes, na qual foram tratados fraseologismos com a palavra *mão*.

Como forma de sensibilização para o tema que seria trabalhado, foram apresentadas aos alunos de uma das nove turmas de primeiro ano do ensino médio, fotografias (retiradas da internet - disponíveis em <http://www.google.com.br/imagens>) que continham uma mão sobre uma roda, duas mãos dentro de uma bacia cheia de massa, um pé com um cigarro entre os dedos e o outro com uma caneta e uma mão cerrada.

Tais fotos foram identificadas pelos alunos como respectivamente, *mão na roda*, *mão na massa*, *trocando os pés pelas mãos* e *mão fechada*. Cada aluno foi instado a criar um contexto de uso para cada uma das fotos e, em seguida, foi colocada em questão a não equivalência entre o sentido e a representação linguística de cada uma delas, que foram identificadas como, dar uma ajuda ou impulso para a realização de uma tarefa, dedicar-se de forma prática a uma atividade, equivocar-se nas ações desenvolvidas e não gostar de gastar. Eles mesmos concluíram que embora *mão* estivesse presente em todos os exemplos, em nenhum deles tratava-se de parte de um dos membros superiores do corpo humano.

Os alunos foram orientados a buscar em fontes diversas, como por exemplo : textos literários, didáticos, publicitários ou jornalísticos, nas modalidades, oral ou escrita, sequências linguística semelhantes às apresentadas em sala de aula com a palavra *mão*. As sequências deveriam ser anotadas em fichas, previamente distribuídas, e, na semana seguinte, trazidas para a sala para análise e discussão em grupo.

## 5. Corpus da pesquisa

Abrir mão	Abrir a mão
Andar de mãos dadas	Comer na mão
Conhecer como a palma da mão	Contra mão
Dar a mão à palmatória	Dar as mãos
Dar uma mão	Dar/levar uma mãozada
Deixar na mão	Em primeira mão
Estar (ficar) de mãos abanando	Estar (ficar) de mãos atadas
Estar com a faca e o queijo na mão	Estar nas mãos
Estar/ficar com o cu na mão	Estar em boas mãos
Estender a mão	Feito à mão
Ficar com a batata quente nas mãos	Ficar com uma mão na frente e outra atrás
Largar mão	Lançar mão
Lavar as mãos	Levantar (jogar) as mãos para o céu
Levar (carregar) pela mão	Macaco velho não põe a mão em cumbuca

Mais vale um pássaro na mão do que dois voando	Mão na massa
Mão aberta	Mão armada
Mão beijada	Mão boba
Mão cheia	Mão de Deus
Mão de fada	Mão de ferro
Mão de obra	Mão de veludo
Mão dupla	Mão única
Mão fechada	Mão leve
Mão na roda	Mão pesada
Mãos ao alto	Mãos frias, coração quente.
Mãozinha francesa	Meter a mão
Meter os pés pelas mãos	Passar a mão na cabeça
Passar a mão	Passar de mão em mão
Pedir a mão	Pôr (colocar) a mão na cabeça
Sentar a mão	Tá na mão
Uma mão lava a outra	

#### Exemplo de ficha preenchida

Unidade fraseológica	Meter os pés pelas mãos
Tipologia	Expressão idiomática
Significado (plano de conteúdo)	Atrapalhar-se, agir de forma desastrosa
Contexto (criado ou reproduzido)	Lula fala pelos cotovelos, <b>meteu os pés pelas mãos</b> , não sabe onde tem o nariz, deu um passo maior do que as pernas, tudo lhe entra por um ouvido e sai pelo outro, tem o olho maior do que a barriga, fala dos outros pelas costas, e já não é mais unha e carne com Palocci?
Fonte de coleta	Crônica de Millôr Fernandes (Veja 1921)

## 6. Análise dos dados

59 fichas foram analisadas, após a eliminação das expressões repetidas ou variantes. Cada uma delas foi discutida tendo em vista os sentidos e contextos possíveis.

As discussões foram propícias para uma reflexão sobre tais expressões linguísticas, tão idiossincráticas quanto essenciais em todas as línguas naturais. Foram abordados aspectos tais como os listados abaixo:

- Grau de mobilidade e de fixação dos constituintes; efeitos de sentidos decorrentes da alteração da posição e/ou inserção de outros elementos, como por exemplo em **abrir mão** (desistir, renunciar) e **abrir a mão** (deixar de ser sovina, gastar);
- Possibilidades de flexão como em **dar uma mão** e **dar uma mãozinha**, (auxiliar) que os alunos concluíram serem usuais e aceitáveis, contrariamente a **largar mão** e **\*largar mãozinha** ;
- Motivação e origem, como em **dar a mão à palmatória** (reconhecer um erro ou engano), que refere-se a uma dolorosa experiência brasileira, inicialmente vivida pelos escravos que eram castigados com um objeto especialmente elaborado para

esse fim, chamado *palmatória*; tendo sido depois incorporado à educação escolar, durante o período em que os professores utilizavam a *palmatória* para sancionar os que cometiam erros de leitura, ou de cálculo, por exemplo.

- A noção de opacidade e transparência também foi colocada à prova, como por exemplo em *mão beijada* que é transparente, mas mesmo assim idiomática, pois corresponde a conseguir algo sem esforço, mas tem sua origem nas doações feitas à igreja, e é motivada pelo beijo dado na mão dos representantes da igreja no momento da doação; embora geralmente avessos a abordagens diacrônicas, os adolescentes, sujeitos desta pesquisa, demonstraram grande interesse em conhecer a origem e motivação das unidades fraseológicas que constituíram o *corpus* da pesquisa. Muitos deles chegaram a empreender investigações por conta própria, apresentando posteriormente o resultados de suas consultas a dicionários especializados, aos pais e familiares e também à internet.

- No que concerne ao uso de diferentes registros, os alunos foram orientados a perceber a predominância de determinadas expressões em certos gêneros e não em outros, o que na prática propiciou a reflexão sobre o uso de registros não privilegiados pela escola, de maneira a compreender os contextos em que tais registros são legitimados. Um exemplo disso, pode ser visto quando um aluno trouxe a expressão **com o cu na mão** (assustado, com medo). Em sua ficha ele apontou como fonte uma canção brasileira da banda de rock Legião Urbana, chamada *Faroeste Caboclo*. Os graduandos de Letras que dirigiam à atividade escreveram a expressão no quadro e solicitaram a todo os alunos da sala, que apresentassem diferentes versões, com o cuidado de manter o sentido. O que resultou em medo, receio, assustado, hesitante, temeroso.... Após a reelaboração, foi solicitado aos alunos que elegessem a opção mais adequada levando em conta os interlocutores, o tema e o propósito discursivo, em que o texto estaria inserido. Uma vez mais foram os próprios alunos que concluíram que embora seja compreensível e legítima na canção em que aparece, a expressão **com o cu na mão** não seria a melhor opção para referir-se ao seu estado emocional em uma entrevista de emprego, ou na condição de orador durante uma solenidade na escola, por exemplo.

## 7. Algumas conclusões

Foi possível desmarginalizar o trabalho com as unidades fraseológicas, no ensino de Língua materna, principalmente dado à grande plasticidade de tais unidades para a reflexão de fenômenos linguísticos específicos.

Por outro lado, os alunos do ensino médio tiveram a oportunidade de construir sentidos a partir de enunciados pertencentes à língua comum, que constituem grande parte de nosso léxico mental, sobre os quais eles nunca haviam refletido e nem trabalhado de forma sistemática.

Vale dizer ainda que, se a unidade de ensino é o texto, este por sua vez é constituído de unidades menores cuja complexidade pode dificultar a compreensão do sentido em uma análise global.

Evidenciamos que uma das principais funções da escola é auxiliar o aluno a compreender e utilizar também estruturas linguísticas distintas daquelas que ele já conhece, quer por sua origem familiar, ou pela participação em diferentes comunidades linguísticas.

## Bibliografia

ALVAREZ-ORTIZ, M.L., 2001, *Expressões idiomáticas do espanhol de Cuba e do português do Brasil*. Tese de Doutorado. Campinas.

CARVALHO, G.L., 2011, *Unidades fraseológicas no ensino de português língua estrangeira: os últimos serão os primeiros*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Ceará.

COSTA, J.L., 2007, *Pré-fabricados linguísticos: estrutura e funcionamento de sintagmas verbais idiomatizados*. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal.

FULGÊNCIO, L., 2008, *Expressões fixas e idiomatismos do português brasileiro*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte.

MARQUES, E., 2011, La mano como base metonímica de locuciones verbales y adverbiales: un estudio comparativo entre el español y el portugués. In: Pamies, A.; Dobrovolskij, D. (orgs.). *Linguo-Cultural Competence and Phraseological Motivation*. Essen: Schneider Verlag Hohengehren, 371-380.

MONTEIRO-PLANTIN, R.S., 2011, Gastronômismos Linguísticos: um olhar sobre fraseologia e cultura. In: ORTIZ-ALVAREZ, Maria Luisa; UNTERBAUMEN, Enrique Huelva. (Orgs.). *Uma (Re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas*. Brasília: Pontes Editores, 249-275.

NOGUEIRA, L.C.R., 2008, *A presença de expressões idiomáticas no ensino de espanhol/língua estrangeira*. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília. Brasília.

RAPOSO, K.C., 2007, *Estudo das expressões idiomáticas do português do Brasil : uma proposta de sistematização*. Tese de Doutorado. Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte.

VALE, O.A., 2001, *Expressões cristalizadas do português do Brasil: uma proposta de tipologia*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista. Araraquara.